

o seu projecto de tradução do livro de Eclesiastes junto dos membros da Nação portuguesa de Antuérpia, que ele tão bem conhecia.

A obra em epígrafe apresenta-se em volume cartonado com uma apresentação gráfica bastante agradável, pela sua sobriedade e elegância, na linha daquilo a que nos tem habituado, desde há muito, a Fundação Calouste Gulbenkian, que vem agora acrescentar esta importante edição à sua notável “Série de Cultura Portuguesa”.

Não deslustrando, de forma alguma, a grande qualidade que tem de ser reconhecida a este trabalho, há que mencionar apenas a ocorrência de duas gralhas tipográficas: ‘rarietà’ por raridade (p. 48) e ‘responsabilidade’ por responsabilidade (p. 50).

Em jeito de conclusão, T. F. Earle apresenta-nos um trabalho de inegável qualidade sobre uma obra, até há pouco, completamente desconhecida, deixando em aberto a perspectiva estimulante de novos estudos sobre o humanista português. A reimpressão da sua tradução do livro de Eclesiastes foi, sem dúvida, a maior e mais importante homenagem que poderia ser prestada a Damião de Góis, no ano que se comemorou o quinto centenário do seu nascimento.

ANTÓNIO ANDRADE

Giovanni Antonio Viperano, *Carmina* (Edición, traducción, introducción y notas de María Luisa Picklesimer), Biblioteca Latina, Madrid, Ediciones Clásicas, 2001, 263 pp. [ISBN: 84-7882-459-6].

Esta obra de María Luisa Picklesimer tem, desde logo, o grande mérito de retirar Giovanni Antonio Viperano do esquecimento a que tem sido injustamente votado.

Na verdade, o humanista Viperano nasceu em Messina em 1535 no seio de uma família acomodada, e viria a morrer em Giovinazzo, em 1610. Dotado de talento para escrever com rapidez sobre os mais variados assuntos, logrou escrever uma oração fúnebre para Carlos V, em 1558, que ter-lhe-á aberto “as portas da corte espanhola da Sicília” (p.16). Supõe-se, assim, que em 1576 já se encontraria em Espanha, onde “gozava de consideração especial como escritor” (p.24).

Estando em Espanha, nesta altura, haveria de ficar ligado a Portugal, ainda que indirectamente, pela evolução dos acontecimentos políticos. Recorde-se que, depois do desastre de Alcácer Quibir, em que sucumbiu o rei D. Sebastião, em 1578, o reino de Portugal ficou sem um herdeiro legítimo que o substituísse. O Cardeal D. Henrique ainda se sentou no trono, mas Filipe II de Espanha, em 1580, conseguiu impor os seus direitos sucessórios e foi aclamado como Filipe I de Portugal, onde permaneceu durante dois anos. Com ele esteve também Giovanni António, “na qualidade de historiador da corte” (p.25), como ele próprio nos diz no prólogo-dedicatória dos seus relatos históricos — *Historiae III* — ao referir-se à terceira obra intitulada *De Obtena Portugalia a Philippo II. Rege Catholico*: “Postremo cum in Hispania essem, quo tempore pater tuus Portugaliã, quae sibi iure propinquitatis obuenerat, armis etiam obtinuit, scripsi hanc tertiam historiam

continentem PHILIPPI II. Regis Catholici ius in Portugaliae regnum, atque arma, quibus hoc ius suum defendit”. (Viperani Opera, vol.I, p.196)

É precisamente ao Rei Católico Filipe II que Viperano dedica dois poemas: o primeiro do Livro I e o segundo do Livro II. Neles o autor utiliza os topoi habituais para o género laudatório: o enaltecimento das virtudes, dos méritos e dos feitos de homens ilustres, através de fórmulas de louvor e de elogio, que estavam na moda no Renascimento, mas que já encontramos com muita frequência na Idade Média, por exemplo, em epitáfios.

A estrutura adoptada por María Luisa Picklesimer para a realização deste trabalho parece-nos sóbria, mas completa e rigorosa. Na Introdução, apresenta-nos, primeiramente, os dados biográficos essenciais do autor, discutindo datas, a partir de outros acontecimentos relevantes, e fazendo uso, sempre que isso se torna necessário, de excertos da obra, com a citação do texto em rodapé. Apresenta-nos, em seguida, as obras completas do autor, publicadas em Nápoles, em 1609, que incluem, por um lado, trabalhos diversos, de cariz didáctico, e, por outro, produção de obras no campo da oratória, história, teatro e poesia. Numa terceira parte, um pouco mais longa, apresenta os *carmina*, sob diversos ângulos, designadamente: estrutura/datação, temática, métrica e língua, presença de Horácio, nota bibliográfica e, por fim, breves comentários a esta sua edição. Os dois livros de *Carmina* ocupam a posição central deste estudo: fixação do texto latino, indicando em aparato crítico as diferentes lições apresentadas pela edição *princeps* (Nápoles 1593) e pela das *Opera* (Nápoles 1609), e respectiva tradução. O estudo termina com o ‘Índice de destinatários dos poemas’, ‘Índice de nomes próprios’ e ‘Índice toponímico’, que se revelam de extrema utilidade para a consulta e pesquisa de informação neste estudo.

Ainda que, na Nota Bibliográfica, a autora refira que “a bibliografia sobre o nosso autor [seja] praticamente inexistente”, justificando, assim, a sua opção por não apresentar uma lista de bibliografia, parece-nos, contudo, que ela faz falta, na medida em que muitos outros autores e obras são referidas em nota de rodapé, a propósito das várias abordagens que vão sendo feitas ao longo da ‘Introdução’.

Um outro aspecto digno de referência prende-se com o facto de a A. traduzir excertos da obra, indicando o texto latino em nota, e não seguir o mesmo critério quando apresenta, por exemplo, na p. 33, o poema 20, que constava da primeira edição e que foi retirado da edição das Obras Completas, sem o acompanhar da respectiva tradução.

Por outro lado, embora afirme que, na sua maioria, os poemas são difíceis de datar, quer porque não aludem a uma circunstância histórica concreta, quer porque os destinatários são desconhecidos, teria sido proveitoso, no caso em que isso fosse possível, dar conta, por exemplo em nota, de alguns dados que pudessem tornar mais conhecidas algumas das personalidades que são referidas nos *carmina*.

Picklesimer declara, na Introdução (p.76), que se unificou a forma de representação das semivogais, transcrevendo-as como **u** e **i** (minúsculas) e como **V** e **I** (maiúsculas), no entanto, na p. 58 grafa-se U por V: *Unam amo Polymniam* (II,1,1), devendo-se, talvez, a uma simples gralha tipográfica.

Em conclusão, este estudo coloca à disposição de investigadores e do público em geral uma pequena parte da extensa obra deste humanista italiano. Pela erudição revelada, nomeadamente no domínio das línguas e da literatura clássica, Viperano bem merece que outros se venham a interessar pelo estudo do seu legado.

ANTÓNIO M. GONÇALVES MENDES

A. Pérez Jiménez & G. Cruz Andreotti (eds.), *La Verdad Tamizada. Cronistas, Reporteros e Historiadores ante su Público, Madrid – Málaga, Ediciones Clásicas & Charta Antiqua, 2001.*

Reúnem-se no presente volume os trabalhos apresentados no *XII Curso-Seminario de Otoño de Estudios sobre el Mediterráneo Antiguo*, realizado na Universidade de Málaga de 13 a 17 de Setembro de 1999, surgindo como resultado dessa actividade científica a revista *Mediterranea*, que inclui estudos sobre os mais variados aspectos relacionados com a vida dos povos mediterrâneos antigos. Conta este ano o seu oitavo número e encontra-se subordinada ao tema em epígrafe.

Como os editores têm o cuidado de deixar bem claro, a historiadores, cronistas e periodistas, prosadores e poetas tem-lhes cabido sempre a importante tarefa de imortalizar personagens e/ou acontecimentos por meio da palavra. Apesar de buscarem a objectividade e imparcialidade, chegam-nos muitas vezes testemunhos carregados de subjectividade, que se traduz numa desvirtuação da realidade dos factos, consoante a perspectiva que se pretende pôr em evidência, de acordo com o prestígio e popularidade que se pretende alcançar ou com a tentativa de agradar a quem detém o poder. Assim, e porque esta situação se verifica nas mais diversas culturas, tanto outrora como nos nossos dias, o propósito do presente volume é, segundo os editores, analisar o “fenómeno de la palabra escrita como dibujo de una realidad tamizada por las exigencias políticas y la creatividad de prosistas y poetas” (p. 4), tendo em conta que como testemunho da realidade histórica serve quase tudo: desde os poemas homéricos, os epigramas alexandrinos, os relatos de viagens, até versos onde, como em Ovídio, um autor descobre a sua verdade do amor.

O artigo que inicia o volume, de Felipe Sahagún (“Información y Opinión Pública”, pp. 7-30), analisa a importância da informação na cultura actual, ao serviço da qual se encontram as novas tecnologias que, para além de facilitarem o acesso a novas formas de comunicação, recepção de dados, formação de opiniões, têm também a desvantagem de possibilitarem abusos, propaganda, repressão, podendo adulterar e distorcer a verdade de forma a influenciar e manipular a opinião pública.

Leone Porciani (“Grecia y Oriente: la Escritura de la Memoria”, pp. 31-45) aborda as discussões relativas aos princípios da historiografia grega, centrando-se sobretudo em Dionísio de Halicarnaso e Flávio Josefo, cujas opiniões, a propósito do modo como os gregos iniciaram a transmissão da memória, entram por vezes em conflito. É estabelecido ainda um contraste entre a tradição escrita na Grécia e